

ADOLESCÊNCIA: Uma Fama Gerada Pelo Medo Branco?

Victor de Oliveira Martins¹

Mestrando em Direito pela Universidade de Brasília (UnB).

Resumo: A minissérie *Adolescência*, lançada pela Netflix neste ano, atingiu uma fama surpreendentemente. No Brasil, a obra ficou por um tempo na primeira posição de séries mais assistidas, e, internacionalmente, conquistou a nona posição neste quesito. A produção aborda questões sensíveis e relevantes, a exemplo do *(cyber)bullying*, inseridas em um contexto de criminalização de um jovem de 13 anos. E se, sob lentes raciais, determinadas escolhas em torno do elenco e do roteiro tiverem sido responsáveis diretamente por essa fama? O que discutiremos ao longo do texto é que as relações entre juventude, segurança pública e pânico social presentes acerca da minissérie são necessariamente racializadas. Para isso, provocando as fronteiras entre a dimensão fictícia e concreta da obra, iremos analisá-la como um estudo de caso, em diálogo com a criminologia crítica e os estudos críticos da branquitude, para além de dados oficiais sobre a segurança pública brasileira e internacional.

Palavras-chave: Adolescência. Cinema. Branquitude. Segurança Pública. Racismo.

ADOLESCENCE: A Fame Generated By White Fear?

Abstract: The miniseries *Adolescence*, released by Netflix this year, has achieved surprising fame. In Brazil, the series was in first place for a while in the most-watched series, and internationally, it reached ninth place in this category. The series addresses sensitive and relevant issues, such as *(cyber)bullying*, inserted in a context of criminalization of a 13-year-old boy. What if, from a racial perspective, certain choices regarding the cast and script were directly responsible for this fame? What we will discuss throughout the text is that the relationships between youth, public safety and social unrest present in the miniseries are necessarily racialized. To this end, by provoking the boundaries between the fictional and concrete dimensions of the series, we will analyze it as a case study, in dialogue with critical criminology and critical studies of whiteness, in addition to official data on Brazilian and international public safety.

Keywords: Adolescence. Cinema. Whiteness. Public Security. Racism.

INTRODUÇÃO

É provável que você leitor(a) tenha ouvido falar de uma minissérie chamada *Adolescência* (*Adolescence*), lançada neste ano (2025) na plataforma de *streaming* Netflix. Ainda que não tenha assistido aos quatro episódios da obra, cada um em torno de 50 a 60 minutos de duração, o fato de ter ouvido falar representa, em parte, a dimensão da popularidade que ela atingiu em tão pouco tempo desde que chegou ao público.

¹ Pesquisador no Grupo de Pesquisa Direitos Humanos, Decolonialidades e Movimentos da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Raça, Gênero e Sexualidades Audre Lorde da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e no Laboratório de Informação, Tecnologia, Direito e Diversidade da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: vicdeoliveiramartins@gmail.com.

Dirigida por Philip Barantini, a obra ficou por um tempo na primeira posição de séries mais assistidas pela Netflix Brasil, e, internacionalmente, conquistou a nona posição neste quesito². De noticiários e páginas de fofocas até parlamentares e influenciadores, todos estão comentando sobre a experiência desta produção cinematográfica. Vejamos algumas das reações.

O Reino Unido se tornou um palco da fama estabelecida por *Adolescência*. A começar pelo fato de que o enredo da minissérie se passa em uma cidade do Norte da Inglaterra. Durante uma sessão semanal do parlamento britânico, o Primeiro-Ministro do Reino Unido, Keir Starmer, apoiou a ideia de que a minissérie fosse exibida nas escolas locais. E, na semana seguinte, esta iniciativa se tornou realidade, quando o governo britânico anunciou oficialmente que *Adolescência* seria exibida gratuitamente nas turmas de ensino fundamental e ensino médio nas instituições de ensino da região³.

No Brasil, como foi mencionado em relação ao *ranking* de séries mais assistidas da Netflix, o impacto de *Adolescência* também foi notável. Em uma reunião extraordinária da Comissão de Segurança Pública do Senado, em que estava presente enquanto convidado o Ministro da Justiça e da Segurança Pública, Ricardo Lewandowski, a senadora Daniella Ribeiro (Sem Partido – PB), destoando dos temas debatidos pelos(as) outros(as) senadores(as) presentes naquela reunião, afirmou o seguinte:

E aí eu preciso dar esse testemunho aqui, e não é só dar testemunho, mas pedir a contribuição dos colegas, por isso que eu pedi esta oportunidade de os colegas estarem aqui, porque, na realidade, nós nos importamos muito, como eu disse ontem, Ministro, com o filme *Adolescência*, com a série que está passando na Netflix. Todo mundo chocou, todo mundo tem

² Disponível em: [https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/adolescencia-alcanca-o-top-10-global-da-netflix-em-tempo-recorde/#:~:text=%E2%80%9CAadolesc%C3%Aancia%E2%80%9D%20alcan%C3%A7a%20o%20Top%2010%20global%20da%20Netflix%20em%20tempo%20recorde&text=A%20miniss%C3%A9rie%20%E2%80%9CAadolesc%C3%Aancia%E2%80%9D%20rapidamente%20se,s%C3%A9ries%20mais%20vistas%20da%20plataforma](https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/adolescencia-alcanca-o-top-10-global-da-netflix-em-tempo-recorde/#:~:text=%E2%80%9CAadolesc%C3%Aancia%E2%80%9D%20alcan%C3%A7a%20o%20Top%2010%20global%20da%20Netflix%20em%20tempo%20recorde&text=A%20miniss%C3%A9rie%20%E2%80%9CAadolesc%C3%Aancia%E2%80%9D%20rapidamente%20se,s%C3%A9ries%20mais%20vistas%20da%20plataforma.). Acesso em: 22 abril 2025.

³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/premie-do-reino-unido-apoia-exibicao-de-adolescencia-nas-escolas/>. Acesso em: 22 abril 2025.



chocado, todo mundo tem falado e, sim, é algo chocante, algo para preocupar esse *bullying* virtual.⁴

Podemos concordar com a senadora que houve um choque do público de Adolescência. Como ela mencionou, a temática da minissérie e o fato dela mesclar ficção e realidade convoca autoridades, sejam elas privadas (pais), sejam elas públicas (parlamentares, por exemplo), a tomar alguma atitude em relação a isso.

A produção de Barantini aborda temas como juventude, violência, segurança pública, família, escola, redes sociais, entre outros. Mas, considerando a possibilidade de que o(a) leitor(a) do presente artigo não tenha assistido à minissérie, realizaremos, a título introdutório, mas também em parte do desenvolvimento, o que pode ser considerado enquanto um resumo da obra (alerta de *spoiler*).

Adolescência narra a história de Jamie Miller, um jovem britânico de 13 anos preso preventivamente em sua casa pela acusação de assassinar brutalmente Katie Leonard, uma colega de escola. Esta é a trama principal da série. Cada episódio busca aprofundar algum cenário em que o caso se desenvolve, primeiramente na delegacia, com os exames e o interrogatório, em seguida na escola, onde os agentes buscarão a arma do crime e a motivação do suspeito, posteriormente em uma sessão junto à psicóloga do caso que fornecerá um parecer à autoridade judiciária, e, por fim, no cotidiano da família Miller, mostrando os efeitos sociofamiliares do contexto de criminalização do caçula.

Relembramos a fala da senadora, Daniella, quando ela menciona ao final esse “algo chocante” na série, que é o *bullying* virtual⁵. De fato, e sem a pretensão de esgotar este tema no momento, a motivação que a série estabelece para um jovem de 13 anos desferir sete facadas contra uma

⁴Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2429/reuniao/13421>. Acesso em: 20 abril 2025.

⁵ Apesar do termo “*bullying*” ser passível de problematização, por não dar conta da complexidade de violências que podem ocorrer no âmbito escolar, incluindo as de motivação racista, LGBTQIAPN+fóbica, capacitista, gordofóbica e machista, utilizaremos-o por estar presente nos discursos em torno da minissérie.

jovem de mesma idade seria uma correlação entre os seguintes (e complexos) fatores: *bullying* (presencial e virtual), pornografia e misoginia.

No terceiro episódio da obra, compreendemos (resumidamente) que a vítima do assassinato teve uma foto íntima vazada, oportunidade em que Jamie a chama para sair aproveitando-se de sua fragilidade, mas que, ao contrário, faz com que Katie pratique, junto a outras pessoas da mesma escola, *bullying* virtual contra ele, levando-o a assassiná-la em um dado momento.

Todo o enredo é bastante dramático. Pais e educadores que assistem a série dividem as mesmas preocupações que os pais e educadores do próprio universo da ficção: Será que a nossa juventude está exposta realmente a este tipo de situação? Meu filho seria um assassino em potencial e a minha filha seria uma vítima em potencial? As redes sociais precisam ser controladas para que esta exposição ao mundo da pornografia e do *cyberbullying* não cheguem ao futuro da nossa nação (a juventude)?

O que discutiremos ao longo do texto é que as relações entre juventude, segurança pública e pânico social presentes em Adolescência são necessariamente racializadas. Para isso, provocando as fronteiras entre a dimensão fictícia e concreta da obra, iremos analisá-la como um estudo de caso, dialogando com dois campos que podem ser considerados relevantes para o aprofundamento da hipótese central, sendo eles a Criminologia Crítica e os Estudos Críticos da Branquitude, para além de dados oficiais sobre a segurança pública brasileira e internacional. A união destas duas abordagens metodológicas, estudo de caso e pesquisa documental, propõe uma dimensão duplamente qualitativa e quantitativa à pesquisa.

A IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL DO PROTAGONISMO IMPORTA?

De início, precisamos evidenciar que Jamie Miller, assim como os seus pais e a sua irmã, é aparentemente branco e de classe média. Mas esta informação, por si só, não resolve o nosso problema. Há outros personagens que compõem o elenco que sofrem explicitamente *bullying* e



que não são brancos, como um dos amigos de Jamie, Tommy, assim como Adam, o filho do inspetor Bascombe que participa da prisão preventiva na casa da família Miller. Depois retornaremos à análise destes outros personagens que são importantes no enredo de *Adolescência*, por enquanto, vamos trazer à tona o posicionamento de Kemi Badenoch, líder do partido conservador britânico, e de Elon Musk, bilionário da tecnologia e ex-conselheiro sênior da Casa Branca nos EUA, perante um *tweet* que viralizou a respeito da obra.

Por sua grande e rápida popularidade, a minissérie desenvolveu uma curiosidade no público acerca da sua veracidade ou não. Ou seja, queriam saber se o caso de Jamie e Katie foi baseado em algum fato já ocorrido, por exemplo, em território inglês. Rapidamente, várias especulações surgiram, inclusive, foram negadas pelos criadores da obra, que insistem em dizer que *Adolescência* não se inspira em um caso real.

Dentre as alegações que mais repercutiram, a parlamentar britânica Kemi Badenoch⁶, apesar de ter admitido não ter assistido à obra, declarou publicamente que existem preocupações maiores do que a trama cinematográfica, citando o “*islamic terrorism*” (“terrorismo islâmico”). Ela afirmou que os criadores da minissérie mudaram fundamentalmente a história em que ela se baseia. Esta mudança diz respeito à raça do protagonista, ou seja, do assassino.

Dois casos reais repercutiram nas redes sociais por terem sido considerados como possíveis influências para o surgimento de *Adolescência*. Um de 2021⁷, envolvendo Hassan Sentamu, adolescente de 17 anos, britânico de origem ugandesa, condenado por esfaquear repetidamente Elianne Andam, uma jovem de 15 anos. Outro de 2023⁸, envolvendo Axel Rudakubana, adolescente de 18 anos, britânico de origem ruandesa,

⁶ Disponível em: <https://www.politics.co.uk/news/2025/04/01/kemi-badenoch-claims-adolescence-fundamentally-changed-story-it-is-based-on/>. Acesso em: 22 abril 2025.

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/ckg8ly1wr8ro>. Acesso em: 22 abril 2025.

⁸ Disponível em: <https://www.bbc.com/news/articles/c4gweeq1344o>. Acesso em: 22 abril 2025.

condenado a prisão perpétua por múltiplos homicídios, a maioria envolvendo crianças.

Comparando superficialmente ambos os casos, percebemos algumas similaridades entre eles: proximidade da idade de ambos os condenados, suas nacionalidades britânicas e o fato de terem cometido violências contra outros jovens (ou crianças). Além disso, ambos os indivíduos são originados de países do continente africano e, como mostram as fotos estampadas nas matérias jornalísticas, são negros.

Há algumas semanas, uma postagem na plataforma X⁹, em referência à minissérie, afirmou que “eles trocaram a raça do verdadeiro assassino de um homem negro/migrante para um menino branco”¹⁰ (tradução nossa). O post, feito por Ian Miles Cheong (@stillgray), ainda comentou que “apenas o absoluto estado da propaganda anti-branca”¹¹ (tradução nossa). A referida postagem ganhou uma grande projeção midiática em razão da reação de Elon Musk a ela, que comentou “wow”. Elon Musk possui, atualmente, a conta mais seguida no X, acumulando aproximadamente 220 milhões de seguidores.

Como mencionado há pouco, as alegações de que o enredo de Jamie Miller haveria sido baseado em um caso real e que teria havido uma troca racial dos possíveis sujeitos envolvidos foram desmentidas pelos criadores da obra. Jack Thorne, cocriador da minissérie, afirmou para o podcast New Agents que Adolescência “não é baseada em uma história real e constrói um ponto sobre masculinidade e não sobre raça”¹² (tradução nossa).

Ademais, ele complementou que: “É um absurdo dizer que [crime com faca] é apenas praticado por meninos negros. Isso é um absurdo. Isso não é

⁹Disponível em: <https://www.clubedecinema.pt/elon-musk-criticado-por-espalhar-desinformacao-sobre-miniserie-de-sucesso-da-netflix/>. Acesso em: 22 abril 2025.

¹⁰ Nos termos originais: “*they race swapped the actual killer from a black man/migrant to a white boy*”.

¹¹ Nos termos originais: “*just the absolute state of anti-white propaganda*”.

¹² Nos termos originais: “*it’s not based on a true story and is ‘making a point about masculinity’ and not race*”.



verdade. E a história mostra vários casos de crianças de todas as raças cometendo esses crimes”¹³ (tradução nossa).

Para que o artigo não se transforme em um emaranhado de notícias sobre casos de crimes hediondos e de declarações majoritariamente conservadoras, precisamos retornar à análise da minissérie para compreender como os elementos raciais estão presentes, ainda que implicitamente, na obra. Entretanto, já temos alguns elementos explícitos sobre como a repercussão de Adolescência a nível internacional gerou discussões sobre a “verdadeira” raça (e origem étnica) do assassino.

Algumas perguntas podem ser feitas para serem respondidas posteriormente: 1) por que é importante para o discurso conservador demarcar a negritude (e condição migratória) do protagonista? e 2) por que é importante para o cocriador da minissérie manter a brancura ou a não-racialidade (quando afirma que não é sobre raça, mas sim sobre masculinidade) do protagonista?

ANALISANDO OS INDÍCIOS DADOS PELA OBRA (SOB LENTES RACIAIS?)

Nesta sessão, escrutinaremos os recursos audiovisuais de Adolescência. Talvez este seja um bom momento também para discutirmos o paradigma indiciário, categoria desenvolvida pelo historiador Carlo Ginzburg. Na obra “Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história”, o autor argumenta sobre certa opacidade da realidade, de modo a necessitarmos investigá-la como se detetive fôssemos, no intuito de desvelar indícios imperceptíveis que guardam símbolos, significados, representações centrais e ao mesmo tempo marginais ao regime de visibilidade de determinado contexto (Ginzburg, 1989).

O historiador atrela os primeiros usos do paradigma indiciário a algumas figuras masculinas, a exemplo do caçador e do detetive. O primeiro

¹³ Nos termos originais: “It’s absurd to say that [knife crime] is only committed by black boys. It’s absurd. It’s not true. And history shows a lot of cases of kids from all races committing these crimes”.

“teria sido o primeiro a ‘narrar uma história’ porque era o único capaz de ler, nas pistas mudas (se não imperceptíveis) deixadas pela presa, uma série coerente de eventos” (Ginzburg, 1989, p. 152). No segundo caso, “descobrir o autor de um crime, para [Sherlock] Holmes, torna-se um processo de interpretação dos indícios deixados e de atenção aos detalhes imperceptíveis para muitos” (Ginzburg, 1989, p. 150).

Da mesma maneira que uma história real é conscientemente detalhada a partir dos efeitos que ela busca produzir, uma produção cinematográfica é arquitetada por diversos profissionais (produtores/as, roteiristas, atores/atrizes, diretores/as, assistentes, técnicos/as e editores/as), que seguem um orçamento estipulado e, mais gravemente, necessitam passar uma imagem ou um significado coeso para o público que a assiste, que será responsável por garantir o sucesso ou o fracasso daquela obra. Talvez precisemos desapegar da ideia de que todas as histórias da realidade são contadas fielmente.

Há algum tempo, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie vem nos ensinando a respeito da impossibilidade de falarmos sobre uma história única sem falar sobre relações de poder. Para ela:

Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. Assim como o mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de nkali: como elas são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder. (Adichie, 2009, p. 12).

No caso de uma história fictícia, como é o caso de *Adolescência*, não precisamos realizar esse esforço de confronto com o real para desvelar sua “veracidade”, como fez a parlamentar britânica Kemi Badenoch. O importante, neste caso, é investigar e interpretar os elementos ressaltados por Carlos Ginzburg como fundamentais para a construção simbólica de determinada narrativa: corpo, linguagem, caracteres psicológicos, técnicas empregadas etc. É o que faremos perante os quatro episódios da minissérie.

Episódio 1



No início de cada episódio, são exibidas fotos de crianças, seja do protagonista, seja de outras crianças de diferentes gêneros e raças que compõem o elenco ou não. A qualidade das fotos, entretanto, remonta a uma ideia de antiguidade, provavelmente porque realmente podem ter sido retiradas de álbuns antigos de fotos ou porque sofreram uma edição para passarem um efeito mais *vintage*. Geralmente esse é um recurso utilizado para que a obra incute no telespectador questionamentos sobre se ela foi baseada em fatos reais: Quem são essas crianças? Por que as fotos são antigas? Elas são reais? Não à toa, internautas buscaram exaustivamente desvendar os “casos reais” em que a minissérie possivelmente se baseou.

Os episódios não têm títulos próprios, mas são apenas denominados de “episódio 1”, “episódio 2” e assim sucessivamente. O primeiro episódio apresenta quatro cenários: viatura de polícia, casa da família Miller, outra viatura de polícia e delegacia de polícia. O interessante de *Adolescência*, e acredita-se que este foi um dos vários motivos que gerou a sua fama, é que ela foi filmada em plano sequência, ou seja, sem cortes, de modo que somos compelidos a acompanhar integralmente o intenso fluxo do enredo, algo que emprega uma sensação maior de imersão a quem a assiste. Depois voltaremos aos efeitos desta técnica em cenas específicas.

Não é o nosso objetivo repassar todas as partes da minissérie, pois isto não é uma resenha, mas exaltar as partes que acionam mais fortemente a hipótese da presente análise, sem que elas estejam deslocadas. Dito isso, o primeiro episódio iniciou com uma interação entre o inspetor Luke Bascombe, homem negro, e a sargento Misha Frank, mulher branca, ambos se preparando para efetuar um mandado de busca e apreensão na casa do protagonista. Na ação policial, percebemos diversas viaturas de polícia, uma equipe de mais de 10 agentes fortemente equipados e armados, todos, com exceção de Bascombe e Frank, usando balaclava. Uma vez que a porta da residência foi derrubada com um aríete, os pais de Jamie, Eddie Miller e Manda Miller, foram ordenados a se ajoelharem sob a mira de armas de alto calibre, assim como a filha mais velha, Lisa Miller, que estava saindo do banheiro.

Jamie foi o último a ser abordado. Estava em sua cama dentro do seu quarto. O inspetor Bascombe realizou a voz de prisão por suspeita de homicídio e, antes de levá-lo à viatura para ser encaminhado à delegacia de polícia, Jamie necessitou trocar de calça, pois havia se urinado durante o cumprimento do mandado.

Na operação, o grande aparato policial, o arrombamento da porta, a rendição da família, a rápida locomoção dos agentes e as falas imperativas do inspetor confirmaram a seriedade daquele caso. Mas, ao chegarem ao quarto e encontrarem um adolescente de 13 anos que se urinou após uma voz de prisão, nos questionamos: a ação foi proporcional?

Desde o início, ajoelhado, o pai afirmava “entraram na casa errada... estão cometendo um grande erro” e a mãe prosseguia com “não podem chegar invadindo minha casa assim!”. A senhora Miller retratou bem o questionamento sobre a proporcionalidade da operação: “por que precisam de armas para um menino de 13 anos?”. Sem sabermos os detalhes da acusação, apenas com o conhecimento de que se tratava de uma suspeita de homicídio, uma sensação kafkiana pairou no primeiro episódio.

Entretanto, diferentemente de Joseph K., protagonista da história de Franz Kafka (2005) que nunca soube ao certo do que estava sendo acusado, a minissérie trouxe a acusação logo de início, amparada em um excessivo, mas legal, poder repressivo. “O que é fascinante nas prisões é que nelas o poder não se esconde, não se mascara cinicamente, se mostra como tirania levada aos mais ínfimos detalhes, e, ao mesmo tempo, é puro e inteiramente justificado” (Foucault, 1988, p. 73).

Na viatura a caminho da delegacia o inspetor se dirigiu ao acusado que chorava e gritava pelo seu pai incessantemente para que ele não falasse nenhuma palavra até a delegacia. Bascombe também sugeriu que ele solicitasse um advogado ao chegarem ao local e apresentou o assistente social que os acompanhava no trajeto. Ao chegar à delegacia, a burocracia tomou conta das cenas: cadastros, orientações, conduções e exames. Uma legalidade desnorteadora que, novamente, demonstrou a seriedade do caso, ainda que não nos tenha dito exatamente o contexto da acusação.

O advogado de plantão da delegacia responsável por assistir o caso, considerando que a família Miller não dispunha de outro contato, explicou aos pais que “quando uma morte violenta acontece, é procedimento padrão”.

O desconforto tomou conta de todos os personagens na delegacia. A profissional que avaliou as condições psicossociais de Jamie afirmou “odeio casos com menores” para o sargento que fez o cadastro do jovem, e ele respondeu com “ninguém gosta desses casos”.

Mesmo os agentes demonstrando que não foi o primeiro caso dessa natureza, a situação foi incontornavelmente de atipicidade, de modo que a mãe ressaltou isso ao afirmar que “foi só um mal entendido... acontece o tempo todo”.

O pai, por sua vez, foi escolhido por Jamie como o seu tutor legal, já que se tratava de um caso envolvendo um “menor de idade”. Ele, entretanto, externalizava seguidamente o seu desconforto ao advogado em um momento antes do interrogatório:

Pai: Olha só, eu não faço ideia do que eu estou fazendo aqui, eu não sei o que dizer.

Advogado: Não responda por ele, está bom? Seja você mesmo. Eles sabem que você é o pai. É normal estar digerindo. Isso é normal estar chocado, é normal sentir isso. É normal se sentir humano. Está bem?”;

Pai: Sim, mas olha só, para mim, isso não é normal, entende?.

Advogado: Não.

Pai: Nunca nem tinha entrado numa delegacia.

Advogado: Você vai ficar bem.

Trilha sonora melancólica e o pai começa a chorar.

Pai: Só não quero estragar tudo para o meu filho... eu estou cagando de medo.

Pai: Ele é uma boa criança... eu sou um bom pai.

A última cena do episódio se passou no interrogatório. Durante o tempo todo Jamie negou a acusação, inclusive jurando ao seu pai, mas pelas perguntas conduzidas pelo inspetor Bascombe e pelo sargento Frank, também pela exibição de uma gravação de vídeo que mostra a vítima e o acusado tendo um confronto físico em uma rua, compreendemos a

materialidade do crime de Jamie cometido contra Katie, sua colega de classe. O pai, ao final, horrorizado pelo que presenciou no interrogatório, distanciou-se um pouco do filho, como em um sinal de desaprovação ou de desgosto, mas logo em seguida o abraçou, ambos chorando.

Episódio 2

Com o final do primeiro episódio, restou a comprovação dos indícios de autoria do crime cometido pelo protagonista da obra, entretanto, o inspetor Bascombe e a sargento Frank precisavam ainda encontrar a arma do crime (faca) e a motivação do autor do crime.

A escola se tornou, no segundo episódio, o palco dessa busca, onde foram realizadas investigações dentro e fora das salas de aula, na turma de Jamie e de Katie, mas também em outras turmas, inclusive, do filho do inspetor que estuda na respectiva escola.

A atmosfera escolar era de luto, dada a quantidade de flores e ursinhos de pelúcia no portão de entrada, mas também de indignação, por exemplo da melhor amiga da vítima, de agitação, pelos outros estudantes especulando o contexto, e de pânico, pelos pais dos outros estudantes que temiam a segurança de seus filhos matriculados.

No interrogatório do episódio anterior, descobrimos que Jamie tinha dois amigos próximos, Ryan e Tommy. O primeiro é branco, assim como o protagonista, enquanto o segundo é negro, assim como o inspetor Bascombe e o seu filho Adam.

No início do episódio presenciamos uma conversa entre ambos a respeito do seu amigo, demonstrando preocupação sobre a faca utilizada como arma do crime e com a possibilidade de a polícia buscar interrogá-los. Eles contam que a polícia foi em suas respectivas casas, que o pai de Tommy ficou com raiva e mandou ele não dizer nada, diferentemente do pai de Ryan que aparentemente ficou mais resiliente.

A cena seguinte é de Adam sozinho no refeitório sofrendo *bullying*. Os outros estudantes colocavam lixo em sua bandeja de comida. Um estudante

em específico, sendo branco e chamado Fredo, encurralou-o e exigiu dele dinheiro. Este mesmo estudante, quando o pai de Adam entrou na sala que fazem parte, continuou o *bullying*, mas desta vez chamando o nome do filho do inspetor e logo em seguida grunhindo como um porco. Podemos supor, dentre outras interpretações cabíveis, que Fredo estivesse fazendo referência à associação da figura do inspetor como *pig* (porco), algo que é bastante visto sendo utilizado por movimentos sociais de esquerda, especialmente os que mobilizam a pauta pelo abolicionismo penal ou desencarceramento (Ortega, 2021).

Importante notar que Adam e o trio composto por Jamie, Ryan e Tommy, com base na minissérie, sofrem *bullying* na escola, só que a única violência mostrada foi a sofrida por Adam e, diferente dos outros três, ele não aparenta ter amigos, além de ser dois anos mais velho, ou seja, é de uma turma mais avançada.

O inspetor e a sargento decidem investigar a pessoa mais próxima da vítima, Jade, que era considerada a melhor amiga de Katie. Ela representou a única personagem feminina e negra da série e foi retratada como uma pessoa raivosa, agressiva e instável, por exemplo, quando respondeu rispidamente os agentes e chamou o filho do inspetor de esquisito na frente dele.

A narrativa nos leva a pensar que ela não era assim, mas estava assim por conta do assassinato de sua melhor amiga, mas não podemos ignorar também determinadas “imagens de controle” que operam sobre determinados corpos. Patrícia Hill Collins sob a ótica de Winnie Bueno (2020), que mobiliza a referida expressão, denuncia a caricatura da *angry black woman* (mulher negra raivosa) reforçada em programas televisivos, de modo a desumanizar esta mulher e a inseri-la em quadros violentos de dominação.

Percebendo que Jade não iria contribuir com a investigação, Bascombe e Frank se dirigiram às salas para explicar a situação aos estudantes e abrir espaço para colaborarem caso tenham informações úteis. Em uma dessas salas, o alarme de incêndio da escola soou e todos os estudantes caminharam em direção a um pátio gradeado na área externa da

escola, onde se enfileiraram conforme as instruções dos professores de cada turma. O sentimento era de pânico, conforme a fala de uma das estudantes: “você acha que é terrorismo?”.

Uma vez organizados, o ambiente do pátio da escola se assemelhou a um pátio prisional, com as pessoas privadas de liberdade enfileiradas e os agentes de segurança gritando por ordem. Esta comparação foi feita certa vez por Gilles Deleuze em diálogo com Michel Foucault (1988, p. 73): “Não são apenas os prisioneiros que são tratados como crianças, mas as crianças como prisioneiros (...). Nesse sentido, é verdade que as escolas se parecem um pouco com as prisões”.

Ao avistar Ryan, um dos amigos de Jamie, Jade saiu da sua fila e foi em direção a ele, chamando-o de assassino, derrubando-o com um soco e desferindo chutes enquanto ele está no chão. A “imagem de controle” (Bueno, 2022) que impera sobre Jade novamente foi reforçada. Em uma cena posterior junto a uma das profissionais da escola, ela mencionou que “ela (Katie) era a única que me aceitava como eu sou e agora eu não sei mais o que fazer”. Talvez o seu receio fosse ficar sozinha como Adam, o filho do inspetor que ela havia chamado de esquisito.

A brigahavia chamadoda atenção dos investigadores, fazendo com que se direcionassem para a enfermaria no intuito de interrogar Ryan. Entretanto, o estudante se esquivou de algumas perguntas que envolviam diretamente o caso do amigo, fazendo a conversa girar em torno do tema da popularidade do inspetor Bascombe, que afirmou ter ficado mais popular durante o colegial ao cortar seu cabelo afro.

Os agentes estavam perdidos e, ao mesmo tempo, horrorizados com o cenário escolar que lhes foi apresentado. Anteriormente, a sargento havia afirmado: “Por que escolas têm sempre o mesmo cheiro? É tipo uma mistura de vômito, repolho e masturbação”. O inspetor, cenas após, questionou: “Eu detesto essa bosta de escola (...) Parece que tem alguém aprendendo alguma coisa ali? Parece mais uma jaula de contenção”.

Para ajudar o seu pai, Adam pediu para conversar com Bascombe privadamente. O filho explicouao inspetor que ele não estava

compreendendo a situação, pois as interações que Katie fazia na conta do Instagram de Jamie eram, na verdade, parte de um *bullying* virtual operado através de uma cultura “*incel*”.

Adolescência explica que em algumas comunidades, especialmente as mais jovens nos ambientes digitais, alguns termos são utilizados para oprimir outros. *Incel* significa *involuntary celibitarian* (celibatário involuntário), em outras palavras, virgindade compulsória. Outros símbolos como dinamite, pílula azul, pílula vermelha, a lógica dos 80/20, reforçam um universo de que figuras femininas se atraem por determinadas figuras masculinas que desempenham aspectos específicos, por exemplo beleza. Jamie, Ryan, Tommy e Adam, por exemplo, estariam aparentemente fora do desempenho esperado, ainda que o enredo não tenha explicado especificamente as diferenças e as semelhanças das experiências de cada um. Preocupado após a explicação do filho, o inspetor questionou:

Bascombe: Essas histórias de Instagram afetam você?

Adam: Não são sobre mim.

Bascombe: Eu sei. Mas afetam, filho (*sun*)?

Adam: Você não me chama de filho. Chama os outros de filho. Nunca me chama de filho.

A seguinte e última cena do segundo episódio retratou o inspetor indo novamente à sala de Ryan e solicitando ao professor que tivesse a possibilidade de interrogá-lo novamente. Naquele momento, Ryan foge pela janela da sala e uma perseguição ocorre. A adrenalina toma conta de uma cena que talvez tenha sido mais prolongada do que deveria. Atravessando a escola, passando entre os carros da rua da frente, sob gritos e buzinas, o cenário de um inspetor negro correndo atrás de um estudante branco marcou o desfecho daquele episódio. Ao conseguir alcançá-lo, Bascombe agarrou o braço do garoto, sacudiu-o e o indagou sobre o porquê de ele ter fugido e sobre o que *incel* significava para ele. A conversa se prolongou da seguinte forma:

Ryan: Tem o Tommy! Vai falar com ele!



Inspetor: Foda-se o Tommy! O que ele tem a ver com isso? Você conhece o Jamie!

Ryan: Ele conhece o Jamie.

Inspetor: Não conhece, não! Não como você.

Após ser pressionado, sem a presença de um advogado ou de seus responsáveis legais, no que parece ser uma abordagem que seguiu menos o rigor da lei do que a que ocorreu com Jamie, Ryan admitiu que a faca era dele, mas que não sabia o paradeiro dela. Logo em seguida, Frank chegou com a viatura e emitiu voz de prisão para Ryan por suspeita de ser cúmplice no caso de homicídio.

O inspetor, entretanto, não acompanhou o jovem detido, mas resolveu esperar Adam fora da escola para passar um tempo com o seu filho, sentindo-se culpado, talvez. Como ele havia dito para a sua colega em uma cena anterior: “Eu as vezes acho que não sirvo para ele como pai”.

Episódio 3

O terceiro episódio de *Adolescência* realiza um salto temporal considerável no enredo, algo que não havia sido feito entre o primeiro e o segundo. O segundo episódio ocorreu, de acordo com a cronologia exposta pela obra, três dias após o primeiro, enquanto o terceiro ocorreu sete meses após. Neste lapso, o protagonista encontra-se detido no *Standling Secure Training Centre*, algo que podemos compreender como uma instituição socioeducacional, mas voltada para pessoas com transtorno mental.

Enquanto aguardava o seu julgamento, Jamie passou por uma primeira avaliação psicológica de um profissional responsável por emitir um parecer ao juiz ou à juíza do processo, no intuito de fornecer os elementos subjetivos do autor do crime em relação ao caso.

No terceiro episódio, acompanhamos a segunda avaliação de Jamie, que foi realizada pela psicóloga Briony, uma mulher branca. Os cenários são dois, ambos no mesmo centro, sendo o primeiro a sala de segurança da instituição e o segundo a sala em que foi realizada a avaliação.

Antes de ter acesso ao Jamie, Briony foi à sala de segurança e dialogou com o profissional responsável pela monitoração. Trata-se de uma sala com vários monitores, computadores e outros recursos tecnológicos que compõem uma estrutura de vigia dos indivíduos em contexto de detenção. Algo que remete ao panóptico de Foucault (2008), ou seja, uma estrutura responsável por manter um monitoramento amplo e constante dos corpos sob o controle da instituição, ou pelo menos, uma sensação de que estão sendo diuturnamente vigiados.

No centro, assim como na delegacia em que Jamie estava, pudemos ouvir gritos de outros jovens ali presentes. Momentos antes da avaliação, o segurança se dirigiu à psicóloga afirmando: “Nós temos um laboratório de tortura no porão. Aprovado pelo governo. Tudo na encolha”. O tom da afirmação nos remete a uma ironia, mas não apaga os conflitos existentes dentro da instituição, a exemplo da própria briga que Jamie teve com um colega do centro e que foi assistido pela psicóloga na sala de segurança. Jamie, naquele centro, é considerado famoso, talvez pelo seu crime ser considerado hediondo, algo que repercutiu publicamente o caso.

Briony e Jamie se reuniram a sós em uma sala, mas com um guarda (negro) acompanhando do lado de fora, para caso a situação saísse do controle (e de fato saiu). Tratou-se do segundo encontro entre ambos, de modo que o início da sessão foi marcado por presentes, risadas, imitações e outras interações que amenizam a atmosfera da avaliação. A situação mudou, entretanto, quando as perguntas direcionadas a Jamie disseram respeito ao seu pai e ao que ele considerava enquanto “homem” e “masculino”.

O jovem pareceu ter ficado incomodado com a ideia de que a criação do seu pai possa ter influenciado na postura criminosa dele, fazendo-o levantar-se da cadeira, jogar coisas e gritar contra a psicóloga. O confronto (não físico) gerado por Jamie incomodou e, em certos momentos, assustou a psicóloga, algo que inclusive pareceu estimular o jovem a se gabar a respeito da situação (um adolescente de 13 anos gerando medo em uma mulher adulta).

Fomos levados a acreditar que a agressividade de Jamie foi herdada a partir da agressividade do seu pai. Em outra parte da sessão, a psicóloga explorou a visão que o jovem tinha com mulheres e com o universo feminino, de modo a complexificar aquelas correlações que citamos anteriormente sobre popularidade, *bullying* (presencial e virtual), cultural *incel*, redes sociais e misoginia. Ao ser interpelado sobre o porquê de Jamie ter sofrido perseguição, ele atribuiu isso à possibilidade de ele ser “feio”.

No fim, compreendemos o quão problemático era a relação de Jamie com Katie, de modo que, assim como Briony, nos espantamos sobre como determinadas posturas podem ser adotadas por um adolescente de 13 anos. Foi este espanto que fez com que aquela tivesse sido a última das cinco sessões marcadas pela psicóloga, pois as declarações finais de Jamie foram suficientes para a formulação do parecer. Quando Jamie foi retirado da sala, a psicóloga pareceu finalmente ter um momento de extravaso emocional, expressado a partir do choro.

Episódio 4

No quarto e último episódio, acompanhamos o cotidiano da família Miller, ou seja, do pai, da mãe e da irmã mais velha de Jamie Miller. Mas não era um dia qualquer, era o dia do aniversário de Eddie Miller, portanto, nos foi apresentado inicialmente um clima festivo entre os membros familiares, que logo em seguida seria cortado ao descobrirem que a van da família, utilizada com uma finalidade laboral, foi pichada com o termo “*nonse*” (tarado).

Não se sabe, ao certo, se o termo foi utilizado em referência ao pai, já que ele que costuma trabalhar com a van, ou ao filho, que teve em vários momentos do seu caso posturas consideradas sexistas. Na verdade, o pai e o filho se confundem em vários momentos do último episódio, seja pela herança masculinista desvendada pela psicóloga no episódio anterior, seja pelos descontroles emocionais que, não raramente, foram acompanhados de uma agressividade desproporcional.

Ao tentar limpar a tinta da pichação com água e sabão, Eddie se irritou por uma série de fatores: por não conseguir limpar de fato, pelos vizinhos o observando de forma curiosa e por dois adolescentes que passaram de bicicleta e o chamaram de “*nonse*”, o mesmo termo colocado na van.

O pai resolveu ir com a sua família a uma loja de materiais, tendo sido este o terceiro cenário do episódio, em razão do segundo ter sido na própria van durante o trajeto, momento em que acompanhamos conversas banais entre os parentes, demonstrando que são uma família como qualquer outra, com memórias e momentos de alegria, apesar da crise.

Ao chegarem na loja, a família se dispersou e o pai logo em seguida foi atendido por um jovem branco que aparentemente tinha conhecimento em como manusear produtos para tintas. Na cena, o atendente reconheceu que se trata do pai de Jamie Miller e não perdeu a oportunidade de dizer: “Eu tô do seu lado, tá bem? Eu torço pelo seu filho, se é que importa. A gente sabe que não foi ele (...) Vocês têm o meu apoio”. Novamente, o aniversário do pai foi atravessado pelo caso do seu filho, de modo a atordoá-lo e chateá-lo.

Eddie comprou a tinta, a família retornou à van e ele encontrou os dois adolescentes de bicicleta que mais cedo o haviam chamado de “*nonse*”. O pai correu em direção a um deles enfurecido, agarrando-o e ameaçando-o, mas logo em seguida largou o garoto. Em seguida, ele foi em direção à van e jogou de maneira grosseira toda a tinta que acabara de comprar na loja, fazendo um dos seguranças da loja questionar se ele iria limpar aquela bagunça; ele então respondeu: “cala essa merda de boca e entra na loja (...) vão trabalhar seus merdas”.

Com o clima tenso na volta para a casa, tanto quanto estava quando descobriram a pichação mais cedo, a família recebeu uma ligação do presídio em que se encontrava Jamie. Ocorre que o episódio 4 data de treze meses após o primeiro episódio, ou seja, seis meses após o episódio 3 em que havia ocorrido a segunda avaliação psicológica. Jamie já não mais

estava mais naquele centro, mas sim em um estabelecimento prisional, à espera do seu julgamento.

Na ligação, Jamie ressaltou que o seu julgamento ocorrerá em breve e afirmou para o pai, mas ao mesmo tempo para a mãe e para a irmã já que a ligação estava no auto-falante apesar de ele não saber disso, que mudará o seu depoimento e se declarará culpado, gerando um clima silencioso no retorno à casa.

As últimas cenas de Adolescência retrataram uma crise emocional da família Miller ao retornarem para casa, especialmente dos pais. A mãe chorava copiosamente. Em seguida, encontrou-se com o pai e conversaram no quarto. “Nós sobreviveremos a isso”, disse a mãe. “E se não conseguirmos?”, indagou o pai. A mãe lembrou as atitudes do filho que podem se assemelhar as de um adolescente comum na atualidade: ele chegava em casa, trancava-se no quarto, ficava no computador até tarde. Havia algo que poderia ser feito de diferente? Este é o sentimento compartilhado pelos pais.

No fim, lembraram-se de sua filha mais velha: “Como que ela nasceu da gente?”, questionou pai, “Do mesmo jeito que ele (Jamie)”, respondeu a mãe. Ao final, Eddie entrou no quarto do filho e chorou profundamente, encerrando a minissérie com a seguinte frase: “Me desculpa. Eu deveria ter feito melhor”.

PÂNICO E SEGURANÇA PÚBLICA: O Que os Dados Nos Relevam?

Apesar de relativamente longa, a descrição de determinados elementos de Adolescência foi necessária para compreendermos sobre o que a série se trata. Ainda que eu não tenha aprofundado alguns dos temas, pois o intuito na verdade era ressaltar os elementos que interessam à discussão central do artigo, podemos perceber que a mensagem passada é nítida: “pais, mães e educadores, cuidado com os seus adolescentes, especialmente nas redes sociais, pois podem estar sendo afetados por uma cultura extremamente problemática (*incel*, *cyberbullying*, pornografia,

misoginia) que os levará a um possível desfecho violento e criminoso”. Quais pais e mães não se sensibilizariam com esta situação? “Todo mundo chocou”, de acordo com a fala da senadora Daniella Ribeiro citada na introdução.

Aqui nos cabe, entretanto, analisar os elementos presentes na construção da narrativa da minissérie que possibilitaram este choque generalizado. Parece-nos que o argumento de Vanessa Leite (2019) sobre o acionamento de pânicos morais em controvérsias públicas envolvendo crianças e família pode ser transportado para o contexto de Adolescência.

A autora analisa discursos acionados por atores religiosos conservadores a respeito do projeto Escola Sem Homofobia no Brasil, popularizado como “kit-gay”, e da denominada “ideologia de gênero”, de modo a mobilizarem agendas políticas para a proteção de sujeitos e símbolos nacionais, como as crianças, a família e os bons costumes. Nos termos de Adriana Vianna (2002, p. 271):

a ação da administração estatal sobre a infância pode ser considerada um foco privilegiado para pensar a dimensão tutelar do Estado, na medida em que é exercida sobre os personagens sociais que (mais facilmente) podem ser tomados como ‘naturalmente’ tutelados ou tuteláveis.

Pânicos morais, entretanto, não são utilizados apenas no cenário brasileiro. Gayle Rubin, antropóloga estadunidense, refletindo sobre o contexto norte-americano, inclusive referenciada por Leite (2019), nos explica que pânicos morais são “o ‘momento político’ do sexo, em que atitudes difusas são canalizadas para a ação política e, a partir daí, para a mudança social” (Rubin, 1993, p. 163 – tradução nossa¹⁴). Denunciar um cenário em que adolescentes estão expostos ao mundo da pornografia e do (*cyber*)bullying promove um processo de vitimização desses sujeitos, que não necessariamente garante a resolução da problemática, mas apenas direciona o foco da preocupação de toda uma sociedade.

¹⁴ Nos termos originais: “*Moral panics are the ‘political moment’ of sex, in which diffuse attitudes are channeled into political action and from there into social change*”.



Entretanto, gênero e sexualidade não são as únicas variáveis promotoras de pânico em uma sociedade, mas a raça e a classe também. Os criadores de *Adolescência* elegeram um jovem branco, inserido em uma família branca de classe média, para protagonizar um assassinato hediondo. Ao fazerem isso, somos convocados a assistir o arrombamento da porta de uma casa branca, o ajoelamento de pais e de uma filha branca, da detenção, examinação e interrogação de um adolescente branco. Ou seja, estamos diante de um processo de criminalização de um sujeito, mas também um ambiente familiar, que historicamente nunca foi o alvo ordinário do poder punitivo estatal, materializado pela polícia, delegacia e prisão.

O sentimento de atipicidade presente no cenário pode ser analisado, sim, a partir da idade do protagonista, mas há elementos concretos nas falas dos personagens que extrapolam a figura de Jamie. Ao entrarem na casa, antes mesmo de a minissérie nos explicar que o alvo era o filho mais novo, o pai ressaltou “entraram na casa errada... tão cometendo um grande erro”.

Haveria uma casa certa? Se sim, qual? Onde? A mãe ainda afirmou que “não podem chegar invadindo minha casa assim!”. Mas, se os agentes tinham um mandado judicial de busca e apreensão em um caso de crime hediondo, por que não poderiam? Apesar de os agentes de segurança pública estarem cumprindo estritamente a legalidade, inclusive ressaltando a ampla defesa e o contraditório durante o processo, a narrativa nos move a pensar que algo injusto estava ocorrendo.

Novamente, a idade de Jamie foi importante para que pudessem existir falas como: “por que precisam de armas pra um menino de 13 anos?” (mãe), “odeio casos com menores” (avaliadora de Jamie) e “ninguém gosta desses casos” (sargento Frank). Mas, ainda na delegacia, enquanto chorava na frente do advogado, o pai de Jamie confessou que a situação não era “normal” porque ele nunca havia entrado numa delegacia. Acredito que nem ele, nem sua esposa e seus dois filhos haviam também se ajoelhado com armas miradas em seus corpos perante a polícia. Essas são atipicidades que, como argumentei, extrapolam a idade do acusado.

Para que não fiquemos apenas em hipóteses, vamos analisar alguns dados de segurança pública de alguns países envolvidos com a repercussão da minissérie, tais como os EUA, o Brasil e a Inglaterra. De acordo com um levantamento da ONG *The Sentencing Project*,¹⁵ os EUA prendem cinco vezes mais pessoas negras do que brancas nos estabelecimentos prisionais estaduais. Outros dados fornecidos e analisados pela BBC¹⁶, em referência ao ano de 2019, estabelecem que afro-americanos têm maior probabilidade de serem abordados e mortos pela polícia.

Assim como os EUA, o Brasil apresenta dados de segurança pública que expõem não apenas um encarceramento em massa, mas uma seletividade penal (Borges, 2019). De acordo com último Anuário Brasileiro de Segurança Pública¹⁷, publicado em 2024, mas referente ao ano anterior, as pessoas negras estão entre as maiores vítimas de mortes violentas intencionais (82,7%) e compõem a maioria das pessoas privadas de liberdade (80,3%), tendo ou não sido julgadas. Ao total, ultrapassamos o número de 800.000 pessoas encarceradas, ocupando a terceira maior população carcerária do mundo, atrás dos EUA que ultrapassa 2 milhões de pessoas encarceradas e da China que abrange em torno de 1,6 milhão (Barros Filho, Leite e Monteiro, 2023).

Mesmo saindo dos estabelecimentos prisionais de pessoas adultas e adentrando ao sistema socioeducativo brasileiro, os dados demonstram as mesmas desigualdades raciais. No Brasil, o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2024) levanta que “63,8% dos/as adolescentes no meio socioeducativo restritivo e privativo de liberdade se declararam negros, de cor preta ou parda, 22,3% de cor branca, 0,1% de cor amarela e 0,4% indígenas” (p. 377). De acordo com o levantamento, “214 adolescentes não

¹⁵ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/eua-prendem-cinco-vezes-mais-negros-que-brancos-em-prisoas-estaduais/>. Acesso em: 22 abril 2025.

¹⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56737516#:~:text=Os%20afro%20americanos%20s%C3%A3o%20presos%20a%20uma%20taxa%20cinco%20vezes,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20carcer%C3%A1ria%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 22 abril 2025.

¹⁷ Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2024/07/anuario-2024.pdf>. Acesso em: 22 abril 2025.

havia registros quanto à cor da pele ou etnia, assim como 6,8% deles, que foram classificadas no banco como “sem informação”, devido a não disponibilização por parte de alguns estados” (p. 377), podendo o número de jovens negros, face o dado geral, ser maior ainda.

Silva, Trejos-Castillo e Molin (2020) realizaram uma sistematização comparativa entre o controle penal de adolescentes em conflito com a lei nos EUA e no Brasil. Os dados mais atualizados no contexto brasileiro remontam ao último anuário citado, mas os autores trazem dados do contexto estadunidense que, de acordo com eles, demonstram que “o percentual de detenção entre os adolescentes brancos é o menor de todos; inferior em 4,7% em relação aos negros, 1,4% em relação aos hispânicos e 1,3% em relação aos índios americanos” (p. 62). A conclusão é que “apesar das diferenças percentuais identificadas, o caráter seletivo racial é característica marcante em ambos os sistemas” (p. 62).

Mas e a Inglaterra? De fato, a região que se passa Adolescência é inglesa. De acordo com o censo de 2021, a população do Reino Unido é predominantemente britânica branca (75,98%), seguidos britânicos asiáticos, com 8,6% da população, e em terceiro pelos britânicos negros, com 3,71%¹⁸. Entretanto, dados do Ministério de Justiça britânico de 2016 trouxeram que as pessoas privadas de liberdade asiáticas e negras superam 25% da população carcerária total. Este é um dado que pode parecer pouco, mas quando comparado com o censo acima trazido, demonstra uma certa desproporcionalidade racial nos aprisionamentos¹⁹.

A maioria destes dados são constantemente analisados e criticados por autores e autoras situados(as) no campo da teoria crítica da raça, especificamente, os(as) que debatem criminologicamente: Nos EUA com as formulações de Angela Davis (2016; 2018) em “Mulheres Raça e Classe” e em “Estarão as Prisões Obsoletas”, no Brasil com os trabalhos de Dora

¹⁸ Disponível em: https://www.nisra.gov.uk.translate.goog/publications/census-2021-main-statistics-sexual-orientation-tables?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=sge. Acesso em: 22 abril 2025.

¹⁹ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2016-ago-05/criminalistas-apontam-racismo-justica-criminal-inglaterra/>. Acesso em: 22 abril 2025.

Bertúlio (1989) e Evandro Piza (1988), assim como as publicações mais recentes de Ana Flauzina (2006), Alessandro Barata (2014) e Felipe Freitas (2020).

De diversas formas, estas autorias estão combatendo as ideologias da supremacia branca, que reforçam um discurso de inferioridade negra baseada em aspectos biológicos e/ou culturais. No campo penal, os esforços são para rebater, por exemplo, as formulações de Césare Lombroso, psiquiatra italiano que influenciou fortemente o pensamento ocidental, de que o negro seria um criminoso nato, embasando, por exemplo, as teorias eugenistas de Nina Rodrigues, psiquiatra brasileiro.

Para o pensamento negro brasileiro, a exemplo de Guerreiro Ramos (1997) e Lélia Gonzalez, há também uma necessidade específica de combater o mito da democracia racial, fortalecido pelas teorias lusotropicalistas de Gilberto Freyre, de que, diferente dos EUA e da África do Sul, o racismo no Brasil é brando (ou inexistente), de modo a termos uma relação amistosa entre as três raças fundantes: brancos (europeus), negros (africanos) e indígenas (ameríndios).

Estes temas são extensos e complexos. O aprofundamento dos argumentos trazidos por cada um dos autores e cada uma das autoras acima mencionados(as) foge ao escopo do artigo. Entretanto, é importante compreendermos essa tradição instalada dentro das academias brasileiras e estadunidenses, para o subsídio de uma análise crítica dos dados de segurança pública que, apesar de relevarem desigualdades raciais, não explicam, por si só, as problemáticas estruturais do racismo nas sociedades modernas.

BRANQUITUDE E O MEDO BRANCO: Entre Materialidades E Simbologias

No segundo episódio, apesar de sabermos explicitamente que Tommy e Adam, estudantes negros, também sofriam *bullying* tanto quanto ou possivelmente até pior que Jamie, assistimos a uma perseguição policial de



um inspetor negro e um estudante branco (Ryan). Seria estranho Bascombe perseguir o próprio filho (Adam), até porque ele era mais velho, ou seja, não era da turma e nem tinha relação com o suspeito. Mas por que não Tommy?

No diálogo, Ryan tocou neste ponto: “Tem o Tommy! Vai falar com ele!”. Mas Bascombe rebateu: “Foda-se o Tommy! O que ele tem a ver com isso? Você conhece o Jamie!”. Mas mesmo Ryan dizendo que “ele (Tommy) conhece o Jamie”, o inspetor respondeu “Não conhece, não! Não como você”. Quais elementos concretos o inspetor tinha para afirmar que um melhor amigo conhecia mais que o outro? Existia algo visível e inquestionável que poderia enunciar uma ligação maior entre um e outro?

A obra não nos forneceu nenhum elemento que comprove que Ryan conhecia mais Jamie do que Tommy. Os três sempre apareceram juntos nas fotos exibidas a partir do Instagram de Jamie. Ryan só foi interrogado por Bascombe e Frank pelo confronto que teve provocado por Jade. Tommy nunca foi interrogado.

Existem, portanto, duas questões para serem problematizadas a partir disso: por que a escolha (aparentemente aleatória) de mais um jovem branco para ser perseguido pelo inspetor? E por que haveria uma cumplicidade oculta entre Ryan e Jamie?

Na mesma cena, descobrimos que a cumplicidade era material, em razão de que Ryan emprestou a sua faca para Jamie, que foi utilizada no assassinato de Katie, o que levou à sua acusação, mas torna-se importante explorarmos aspectos de uma possível cumplicidade simbólica.

Simbólica, pois, assim como Pierre Bourdieu (2014), partiremos de uma análise das relações de poder para além do campo material, considerando também aspectos subjetivos que podem gerar, duplamente, violências e privilégios. Para o autor, os privilégios seriam considerados como capitais (social ou cultural, por exemplo), responsáveis por garantir autoridades legítimas aos seus possuidores, inclusive extrapolando as relações sociais, mas adentrando aos campos burocráticos, científicos, entre outros. A obra que reúne os cursos dados por Bourdieu ao *Collège de France* ganha uma importante dimensão na presente reflexão,

pois nela, especificamente, o autor busca analisar o “Estado”, de modo a explicar determinados imbricamentos entre relações assimétricas de poder e legitimidade oficial:

Há um lugar dominante a partir do qual se adota um ponto de vista quenão é um ponto de vista como os outros, e que, instaurando-se, instaura uma dissimetria fundamental em que nada será parecido depois. Daí em diante todos os pontos de vista outros que nãoaquele serão privados de alguma coisa, parciais, mutilados. (Bourdieu, 2014, p. 118).

Partindo do pressuposto de que o sociólogo francês realizou considerações passíveis de generalização, sem desconsiderar os contextos nos quais ele partia e almejava, gostaria de explorar esta ideia de “ponto de vista” atrelada a um capital simbólico. O que ligava essencialmente Ryan e Jamie para além de suas brancuras?

Destaco que a minissérie não fornece nenhum outro elemento que especificava esta ligação, o porquê de Ryan conhecer o protagonista mais que Tommy. Ambos, circunscritos em relações raciais de poder, apresentavam pontos de vista semelhantes, ou seja, acumulavam capitais raciais em comum, unindo-os como uma dupla, mas, mais que isso, uma comunidade.

Ambos podiam ter uma compreensão próxima sobre crime, prisão e segurança pública. Assim como Eddie Miller, ambos podiam nunca ter entrado em uma delegacia. Diferentemente de um jovem negro que, como apontei na sessão anterior, é alvo preferencial do sistema punitivo em diversos países. E, suponho, o inspetor Bascombe sabia disso, não apenas por ele ser agente de segurança pública, mas por ser um pai negro de um jovem negro.

Importante lembrar a postura do pai de Tommy quando a polícia foi à sua casa, desaprovando e mandando não falar nada, quase como um “ande na linha”, diferentemente da posição do pai de Ryan que foi menos incisivo. É o caso, como argumenta Jader Alves (2017), de haver uma orientação (consciente ou inconsciente) de jovens negros adotarem “estratégias de

sobrevivência em uma sociedade institucionalmente racista e violenta” (p. 134):

Movidos pelo medo de sofrer abusos e até de serem assassinados e sem quaisquer perspectivas de um maior controle sobre a atividade policial, os jovens se limitam a adotar estratégias para evitar abordagens e, caso ocorram, evitam questionar as ordens e atitudes – muitas delas claramente ilegais e violentas - desses policiais (p. 134).

Como afirmou Adam, as histórias da minissérie “não são sobre mim”, assim como possivelmente não são sobre Tommy. Mas por que não seriam? Já que a série retratou explicitamente apenas as cenas de violência contra Adam. Não apenas isso, a minissérie trouxe um personagem branco, Fredo, que possivelmente incorporou a cultura de associar a figura do policial como um porco para realizar *bullying* na frente do próprio inspetor. Quem repreendeu Fredo na cena foi um professor negro, dizendo que aquilo era inadmissível. As contradições raciais, especialmente as que envolvem personagens negros, estão presentes na minissérie, mas elas não tomam centralidade, ao menos são explicadas devidamente. Afinal, a narrativa “constrói um ponto sobre masculinidade e não sobre raça”, como afirmou o cocriador Jack Thorne.

Se pudermos considerar uma união de pontos de vista conscientes entre pessoas brancas, seja a partir dos seus privilégios (capitais), seja pela necessidade de mantê-los, a esta união denominamos, conforme Cida Bento (2022), de pacto narcísico de branquitude. Para a autora:

Sempre os entendi como acordos tácitos, como pactos não verbalizados, não formalizados. Pactos feitos para se manter em situação de privilégio, higienizados da usurpação que os constituiu. E que se estruturam nas relações de dominação que podem ser de classe, de gênero, de raça e etnia e de identidade de gênero, dentre outras. (p. 85).

Entretanto, talvez não fosse cabível considerarmos estes pactos no contexto de amizade entre Ryan e Jamie. Na verdade, o pacto pode ser mais bem compreendido na fala do atendente da loja de materiais que a família Miller foi durante o quarto episódio. Vamos recordar: “Eu tô do seu lado, tá bem? Eu torço pelo seu filho, se é que importa. A gente sabe que

não foi ele (...) Vocês têm o meu apoio”. Qual a origem deste apoio? O que leva um jovem branco atendente de uma loja a externalizar o seu sentimento de empatia a um outro jovem branco (ou uma família branca) que não conhece pessoalmente e nunca teve relação? Novamente, algumas razões na série não foram dadas, restando apenas a nossa interpretação, do público.

Saindo um pouco da produção cinematográfica e retomando o tweet curtido por Elon Musk, qual a preocupação de determinados setores conservadores em relação à “troca da raça” do protagonista de *Adolescência*, que configuraria uma “agenda anti-branca”? Há uma urgência em recompor a ordem “natural” das coisas, ou seja, fortalecer uma imagem cristalina de quem deve representar o verdadeiro algoz e de quem deve figurar o lugar de vítima.

De um lado, temos um homem negro imigrante (*black man/migrant*) e de outro temos um menino branco (*white boy*). Esta é uma oposição que reforça a ideologia da supremacia branca, presente não apenas no Brasil, ao contrário do que sugere o mito da democracia racial, mas em outros países que experimentaram o processo colonial-escravocrata de base racista (Nogueira, 2013).

Como mencionei anteriormente, as suposições de que Hassan Sentamu e Axel Rudakubana deveriam figurar no lugar de Jamie Miller (ou de Owen Cooper, ator que interpretou o personagem) evidenciam um lugar étnico-racial muito específico. Reparemos como o argumento de que a idade seria o suficiente para gerar um pânico moral ao ponto de realizar um processo de vitimização da juventude não se sustenta, pois rapidamente o jovem negro deixa de ser jovem e se torna homem (*man*), enquanto o jovem branco continua jovem (*boy*). No imbricamento entre faixa etária e segurança pública, o componente étnico-racial se torna uma linha tênue no tratamento do problema como uma questão educacional ou como uma questão punitiva.

No contexto brasileiro, conforme Benetti (2021), desde a década de 90 houve uma disputa entre os discursos em torno da proteção das crianças e dos adolescentes, que resultou na criação do Estatuto da Criança e do

Adolescente (ECA), e da consideração desses jovens como problema a ser resolvido pela via punitiva, através da redução da maioridade penal e do acionamento do sistema socioeducativo.²⁰

Talvez resida nesta linha tênue a preocupação de Jack Thorne, cocriador de *Adolescência*, de manter o protagonista branco ou desracializado (universalizando o público-alvo da minissérie). Na verdade, conforme Edith Piza (2002) nos ensina, o branco já é um lugar desracializado, uma posição que confere um duplo fenômeno de invisibilidade e de universalidade. Para ela, racializar a branquitude é bater contra uma porta de vidro, enxergar os contornos do vidro, a fechadura e os gonzos de metal que mantinham a porta. Eu diria que estamos fazendo isso, no sentido do paradigma indiciário de Ginzburg (1989).

Houve elementos evidentes, mas ao mesmo tempo ocultos, de um ponto de vista branco conferido à minissérie. A fama da obra, para além do importante tema que ela aduz, deveu-se à manutenção de uma atmosfera completamente extraordinária. O público sentiu esta atmosfera, amplificada por uma técnica de plano-sequência, e correlacionou diretamente com o quadro de funcionamento de suas instituições educacionais e de segurança pública, projetando medo. Mas qual medo ecoa mais na sociedade? Na análise de Bourdieu, qual ponto de vista tem mais legitimidade, dado o capital simbólico acumulado?

Pais e mães com medo de terem suas casas “invadidas” pela polícia, mesmo que morem em bairros “tranquilos”, sem muitas operações policiais, pouco criminalizáveis. Também com medo de irem a uma delegacia pela primeira vez em suas vidas, terem que representar legalmente os seus filhos e os verem sendo maculados por uma série de exames e interrogatórios “abusivos”. Medo de que a juventude de sua classe, tão “pura”, encontre-se

²⁰ Dialogando com este tema, Vianna (2002, p. 271) reflete que: “A literatura sociológica e historiográfica sobre infância tem chamado a atenção para a conotação punitiva não apenas do Código de 1927, mas também de seu sucessor, promulgado em 1979. Tais códigos se orientariam fundamentalmente pela preocupação em intervir sobre infâncias e famílias ‘erradas’, frente às quais o aparato estatal seria chamado a agir como ordenador social, impedindo que infâncias mal geridas por seus responsáveis naturais viessem a se tornar uma ameaça para a sociedade”.



em um “laboratório de tortura noporão, aprovado pelo governo, tudo na encolha”, como brincou o guarda do *Standling Secure Training Centre*, algo que ocorre de fato no sistema socioeducativo, por exemplo, do Rio de Janeiro (Fernandes, 2024). Um medo de que o sistema punitivo utilize o seu mesmo *modus operandi* contra pessoas negras para usar contra pessoas brancas. Medo este que inclusive gera revolta, caso o panóptico seja dirigido a quem não deve: “vão trabalhar seus merdas”, como gritou o pai para os seguranças da loja de materiais.

Este medo, entretanto, não é fácil de ser confessado. Torna-se mais simples ir por outro caminho, menos racializado, de preocupação com as crianças, os jovens, a pornografia infantil, o *cyberbullying* e a misogonia. São assuntos importantes, reforço, mas que escondem outras variáveis complexas e pouco visíveis. Será que sobreviverão a isso, como questionou a mãe? A branquitude urge de se reinventar nesse sentido, seja mudando a raça do protagonista, seja mantendo-se como uma porta de vidro. Mas a dúvida paira no pai: “E se não conseguirmos?”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar obras cinematográficas sob a ótica de discussões acadêmicas é sempre um desafio. O que é real e o que é fictício? Até que ponto podemos realizar um processo de autenticação e de generalização de uma fantasia? Este certamente não foi o objetivo do artigo.

Por mais bem fundamentadas que sejam as interpretações sobre Adolescência, elas continuam sendo interpretações. Entretanto, ao atingirem o público, o fictício produz efeitos concretos, tais como discursos oficiais, políticas públicas, projetos legislativos, entre outros.

Este foi o desafio enfrentado: complexificar as relações entre a obra e as reações que derivaram dela, de modo a descobrir componentes relevantes no debate entre juventude e segurança pública, quais sejam, os processos de racialização e de desracialização.

Assumir que a dimensão racial atua na produção de um pânico em torno da minissérie é se contrapor ao antigo, mas tão atual, mito da

democracia racial. Este pânico nós chamamos de medo branco, mas esta é uma categoria que já foi trabalhada antes por Maria Célia Marinho Azevedo (2004) e Sidney Chalhoub(1988). Ambos historiadores demonstraram que o medo branco há séculos mobilizou a sociedade brasileira, especialmente após o período pós-abolição, em que a elite brancatemerosa rearticulou e enrijeceu suas políticas oficiais de controle, discriminação e dominação. Este é um debate histórico, entretanto, que não pôde ser feito ao longo do artigo.

Racializar a Adolescência significa também retirar a universalidade destes termos, quase tótems, presentes em tantos discursos sociais e políticos: juventude, crianças, adolescentes, infância, homem, masculino. Há diferentes masculinidades, inclusive que fogem da normatividade branca, heterossexual, cisgênero, que necessitam ser explicadas a partir de suas experiências específicas. Há juventudes que têm diferentes condições materiais de existência que outras, no sentido de terem direitos tolhidos pelas imposições do capitalismo (trabalho infantil, por exemplo).

Portanto, o questionamento é também em relação aos princípios liberais que regem a consideração do problema da minissérie como sendo “de todos”. Quem sofre *bullying* nas escolas, considerando o racismo, a heteronormatividade e a cismatividade presente desde a instituição familiar, até as instituições de ensino, o mercado de trabalho e o Poder Público? Sob quais grupos recai o estigma da delinquência, ao ponto de influenciar os dados de segurança pública no sistema socioeducativo e no sistema penitenciário? Até quando vamos ignorar que o racismo ultrapassa as porosas fronteiras entre o real e o fictício?

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, Jader Santos. **A atuação policial na perspectiva de jovens negros: vozes dos invisíveis**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2017.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites século XIX**. 2ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004 [1987].

BARATTA, Alessandro. **Criminologia crítica e crítica do direito penal: introdução à sociologia do direito penal**. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

BARROS FILHO, Armando Dantas de; LEITE, Carlinda; MONTEIRO, Angélica Maria Reis. Políticas de educação nas prisões: uma análise das 10 maiores populações prisionais. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 28, e280069, 2023. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782023000100247&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 20 abr. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Schwarcz, 2022.

BENETTI, Pedro Rolo. Redução da maioria penal: a longa trajetória de um discurso sobre adolescentes. **Sociologias**, v. 23, n. 58, p. 168–203, set. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/c5sK77jV5Zkjh5gJQFXfYXz/>. Acesso em: 20 abril 2025.

BERTÚLIO, D. L. de L. **Direito e relações raciais: uma introdução crítica ao racismo**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1989.

BORGES, Juliana. **Encarceramento em massa**. São Paulo: Pólen, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1982-1992)**. Tradução: Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Ed Zouk, 2020.

CHALHOUB, S. Medo Branco de Almas Negras: Escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio. **Rev. Bras. de Hist.** v.8, nº16, pp.83-105. São Paulo, 1988. Disponível em: https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=25. Acesso em: 27 dez. 2024.

DAVIS, Y. Angela. **Mulheres, raça e classe**. Trad. Heci Regina Candiani. – 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. **Estarão as prisões obsoletas?** Tradução de Marina Vargas. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DUARTE, Evandro Charles Piza. **Criminologia e Racismo: Introdução ao processo de recepção das teorias criminológicas no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Direito) - Pós-Graduação em Direito da Universidade de Santa Catarina. Florianópolis, p. 415, 1988.



FERNANDES, Ionara dos Santos. PRÁTICAS DE TORTURA NO SISTEMA SOCIOEDUCATIVO DO RIO DE JANEIRO. In **SciELO Preprints**. <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9687>, 2024.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 7ª. Biblioteca de Filosofia e História das Ciências. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1988.

_____. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramalhe. 35ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro. **Corpo negro caído no chão: o sistema penal e o projeto genocida do Estado brasileiro**. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

FREITAS, Felipe da Silva. **Racismo e Polícia: Uma discussão sobre mandato policial**. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília. Brasília, 2020.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afrolatinoamericano: Ensaio, intervenções e diálogos**. RIOS, F; LIMA, M (orgs.). Rio de Janeiro: Editora Schwarz, 2020.

KAFKA, Franz. **O processo**. Tradução de Modesto Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad: revista latino-americana**, 32. Rio de Janeiro: 2019, pp. 119 – 142. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.32.07.a>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/Cc68BmV888KZbTkwjwr495M/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2024.

NOGUEIRA, Simone Gibran. Ideology of white racial supremacy: colonization and de-colonization processes. **Psicologia & Sociedade**, v. 25, n. spe, p. 23–32, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/zc53Ss57j7JBfV5QRYP9jCd/>. Acesso em: 20 abril. 2025.

ORTEGA, Adam. Uma breve história da palavra “porco” como gíria para polícia. **Noise**, 2021. Disponível em: https://www-noiseomaha-com.translate.google.com/resources/2021/7/1/a-brief-history-of-the-word-pig-as-slang-for-police?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=sge#:~:text=Em%201874%2C%20um%20dicion%C3%A1rio%20de%20g%C3%ADrias%20publicado,de%20pig%20como%20%22um%20policial%2C%20um%20informante.&text=Os%20ativistas%20carregavam%20um%20porco%20de%20verdade,



quando%20foram%20instru%C3%ADdos%20a%20dispersar%20a%20manif
esta%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 22 abril 2025.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para branquitude. In: CARONE, I.; BENTO, M. A. S. (org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.

RAMOS, A. G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995[1957].

RUBIN, G. Thinking sex. Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: ABELOVE, H.; BARALE, M. A.; HALPERIN, D. M. (Ed.). **The lesbian and gay studies reader**. New York: Routledge, 1993.

SILVA, S. C. e; TREJOS-CASTILLO, E.; MOLIN, D. D. CONTROLE SOCIAL E PENAL DE ADOLESCENTES NO BRASIL E NOS EUA. **Revista Sociais e Humanas**, [S. l.], v. 33, n. 3, 2020. DOI: 10.5902/2317175843125.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/43125>. Acesso em: 20 abr. 2025.

VIANNA, Adriana R. B. Quem deve guardar as crianças? Dimensões tutelares da gestão contemporânea da infância. In: **Gestar e gerir. Estudos para uma antropologia da administração pública no Brasil**. Ed. por Antônio Carlos de Souza Lima. Coleção Antropologia da Política. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, Núcleo de Antropologia Política/UFRJ, 2002.